

Arquitetura e Urbanismo: Forma, Espaço e Design 2

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

Arquitetura e Urbanismo: Forma, Espaço e Design 2

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	<p>Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : forma, espaço e design 2 / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-22-5 DOI 10.22533/at.ed.225200503</p> <p>1. Arquitetura. 2. Desenho (Projetos). 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Essa edição de “Arquitetura e Urbanismo: forma, espaço e design” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, conforto ambiental, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Acredito que os textos aqui contidos representam grandes avanços para o meio acadêmico. Em um momento crítico para a pesquisa, a Atena Editora se mostra consoante com a intenção de fomentar o conhecimento científico e cooperar com o diálogo acadêmico de forma abrangente e eficaz.

Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COMPLEXIDADE ESPACIAL NA OBRA DE TADAO ANDO	
Eduardo José Coimbra Magalhães Leonardo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2252005031	
CAPÍTULO 2	20
TIJOLOS QUE ENSINAM: A SUSTENTABILIDADE, A FUNÇÃO SOCIAL DO ARQUITETO E A ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL	
Luis Alexandre Amaral Pereira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.2252005032	
CAPÍTULO 3	36
PERCURSO HISTÓRICO DA HABITAÇÃO PRÉ-FABRICADA EM CONCRETO ARMADO	
Isabella Silva de Serro Azul Maria Augusta Justi Pisani	
DOI 10.22533/at.ed.2252005033	
CAPÍTULO 4	45
ORGANIZACIÓN SOCIO ESPACIAL DE UN CENTRO DE EVACUADOS TRANSITORIO PARA EL HÁBITAT EN SITUACIÓN DE CRISIS, SAN JUAN-ARGENTINA	
Juana Raiano Alicia Pringles Verónica Sinerol Lucas Garino	
DOI 10.22533/at.ed.2252005034	
CAPÍTULO 5	59
PARROQUIAS NEOGÓTICAS EN EL SANTIAGO REPUBLICANO: PASADO Y PRESENTE	
Mirtha Pallarés Torres M. Eugenia Pallarés Torres Jing Chang Lou	
DOI 10.22533/at.ed.2252005035	
CAPÍTULO 6	71
ILUMINAÇÃO APLICADA AO VISUAL <i>MERCHANDISING</i> : DIRETRIZES PARA UMA EXPERIÊNCIA DE COMPRA DIFERENCIADA	
Paulo Eduardo Hauqui Tonin	
DOI 10.22533/at.ed.2252005036	
CAPÍTULO 7	86
ANÁLISE DO TEMPO DE REVERBERAÇÃO EM SALAS DE AULA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN), BRASIL	
Luciana da Rocha Alves Bianca Carla Dantas de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.2252005037	

CAPÍTULO 8	101
IMPLEMENTAÇÃO E ANÁLISE DE JARDIM FILTRANTE: ALTERNATIVA PARA O REUSO DE ÁGUA COMO PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS EM ÁREAS RURAIS E URBANAS	
Jullia Eduarda Delmachio Silva Acácio Pedro da Silva Júnior Tatiane Boisa Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.2252005038	
CAPÍTULO 9	112
O DESENHO URBANO COMO INSTRUMENTO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM CIDADES COMPETITIVAS	
Donizete Ferreira Beck	
DOI 10.22533/at.ed.2252005039	
CAPÍTULO 10	122
PLANO DE BAIRRO E REDE DE BIBLIOTECAS: UMA PROPOSTA DE IMPLEMENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO URBANO	
Arlete Maria Francisco Cristina Maria Perissinotto Baron Tatiane Boisa Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.22520050310	
CAPÍTULO 11	139
PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA DE GESTÃO PARTICIPATIVA: UM COMPARATIVO ENTRE SÃO PAULO, PARIS, MEDELLÍN E KOBE	
Bárbara Cavalcante de Andrade Barioni Danillo de Lima Cavalcante Pauline Pereira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.22520050311	
CAPÍTULO 12	151
CENÁRIOS DE TRANSFORMAÇÃO DO 4º DISTRITO: AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS ENTRE MORADIA E TRABALHO NO BAIRRO FLORESTA - PORTO ALEGRE	
Eliane Constantinou Letícia Bettio Machado	
DOI 10.22533/at.ed.22520050312	
CAPÍTULO 13	166
PLANO DE REVITALIZAÇÃO URBANA DOS BAIRROS SÃO LUIZ E SÃO JOSÉ	
Paulo Pontes Correia Neves Alessandra Santos Pedrosa	
DOI 10.22533/at.ed.22520050313	
CAPÍTULO 14	181
EFECTOS DE LA LEY DE APORTE AL ESPACIO PÚBLICO EN LA PRODUCCIÓN DE LAS CIUDADES CHILENAS. CASO DE ESTUDIO ZONA SUR-ORIENTE DE LA COMUNA DE SANTIAGO	
M. Eugenia Pallarés Torres Mirtha Pallarés Torres Jing Chang Lou Luz Alicia Cárdenas Jirón Felipe Gallardo Gastelo	
DOI 10.22533/at.ed.22520050314	

CAPÍTULO 15	195
(RE)CONFIGURAÇÃO DA FUNCIONALIDADE ESPACIAL INTRA PROCESSO DE CRESCIMENTO DAS CIDADES MÉDIAS INTERIORANAS PAULISTAS: O CASO DE BRAGANÇA PAULISTA	
Kauê Santos Lima	
DOI 10.22533/at.ed.22520050315	
CAPÍTULO 16	208
PLANO DIRETOR, INCORPORADORAS IMOBILIÁRIAS E NOVAS EDIFICAÇÕES EM PORTO ALEGRE	
Vitoria Gonzatti de Souza	
Livia Teresinha Salomão Piccinini	
DOI 10.22533/at.ed.22520050316	
CAPÍTULO 17	221
MOVILIDAD URBANA, INFLUENCIA INMIGRANTE EN EL PAISAJE URBANO DE VALPARAÍSO	
Hernán Alejandro Elgueta Strange	
DOI 10.22533/at.ed.22520050317	
SOBRE A ORGANIZADORA	233
ÍNDICE REMISSIVO	234

(RE)CONFIGURAÇÃO DA FUNCIONALIDADE ESPACIAL INTRA PROCESSO DE CRESCIMENTO DAS CIDADES MÉDIAS INTERIORANAS PAULISTAS: O CASO DE BRAGANÇA PAULISTA

Data de aceite: 21/02/2020

Kauê Santos Lima

Universidade Federal de Alfenas

RESUMO: No presente trabalho pretendemos trabalhar as questões a cerca da disposição morfológico-funcional na cidade média de Bragança Paulista-SP durante o seu processo de crescimento. Para tal iremos transpassar a questão da localização do município e demonstrar a influencia dessa disposição para o crescimento da cidade, problematizando as faces desse crescimento, as características que formatam o porte médio da cidade e como o processo de crescimento do município, na qualidade de cidade interiorana do estado de São Paulo e próxima à capital, altera a dinâmica espacial através da mudança morfológica e funcional das zonas urbanas, abordaremos também os aspectos sociais incumbidos nessa organização espacial de Bragança, alcançados através de coleta de material bibliográfico e de trabalho de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Morfológico-funcional, Cidades Médias, Urbanização, Crescimento.

ABSTRACT: In the present work, we intend to work as questions about the morphological-functional disposition in the average city of

Bragança Paulista-SP during the growth process. For such, to pass the question of the location of the municipality and to demonstrate the influence of this disposition for the growth of the city, problematizing as faces of this growth, as characteristics that shape or medium size of the city and as the process of growth of the municipality, in the quality of the city. the interior of the state of São Paulo and the next capital, alters the spatial space through the morphological and functional change of the urban areas, also addresses the social aspects related to the spatial organization of Bragança, achieved through the collection of bibliographic material and fieldwork.

KEYWORDS: Morphological-functional, Medium Cities, Urbanization, Growth.

INTRODUÇÃO

As cidades médias são conjuntos de diversos fatores socioespaciais que formatam uma configuração urbana específica, portanto, uma dinâmica particular e diferenciada em relação às cidades pequenas e grandes. As cidades médias, apesar de semelhanças morfológicas e funcionais possuem diferenças entre si, que constituem e articulam dinâmicas espaciais diferenciadas, sobre tudo, com o adicional da concepção de evolução, que

incluem seu crescimento demográfico, econômico e desenvolvimento estrutural do espaço, desse modo, atribuindo outras características de dinamismo urbano particulares.

Estes espaços urbanos de médio porte possuem áreas predispostas a certas funções e atividades específicas do ordenamento espacial local, com o crescente desenvolvimento das cidades médias do interior do estado de São Paulo, tais áreas com funcionalidades preestabelecidas estão sujeitas a uma série de mudanças de estrutura, forma, e função, devido às mudanças nas características do processo de produção espacial decorrentes desse crescimento urbano. Desse modo, altera-se a composição paisagística e todo o complexo de relações funcionais intraurbanos que compõem a mais profunda articulação geográfica produzida pelo ser humano, a cidade.

Pretendemos então, analisar como se dá a organização morfológica e funcional das cidades médias que estão em processo de crescimento, e como a morfológico-funcionalidade se altera durante esse processo, dando outras características à dinâmica espacial existente na cidade. Para tal objetivo, iremos analisar o caso da cidade de Bragança Paulista-SP, que assim como algumas outras cidades médias do interior paulista, apresentam um crescimento e mudança de dinâmica socioespacial pelo fato da alteração de certos fatores componentes dessa espacialização.

Para compreendermos então, algumas características acerca desse fenômeno de reorganização morfológica-funcional das cidades médias durante seu crescimento, problematizando todos os fatores desse crescimento até as efetivas mudanças espaciais, observaremos as relações espaciais externas e internas de Bragança Paulista-SP, por uma perspectiva regional, em busca de uma síntese, a qual demonstra as mudanças ocorridas na organização espacial pelo ainda vigente processo de urbanização encontrado na cidade, atentos para suas novas faces, para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com coleta de dados secundários e materiais teóricos para embasamento, além de trabalho de campo.

Sobre a organização das cidades médias

As cidades são objeto de estudo não apenas da Geografia, mas de outros campos de estudos desde os primeiros apontamentos de sua gênese, sendo também o local onde as ciências se encontram e se deparam em uma nova dimensão, sobre tudo tendo em vista o fenômeno da urbanização (Lefebvre, 1968), para a análise das cidades médias na Geografia é de inquestionável contribuição os trabalhos produzidos pela escola francesa no século passado, a partir da década de 50 (AMORIM FILHO, O.B.; SENA FILHO, N, 2005), focalizando a estrutura urbana e suas complexidades de arranjo espaciais.

As obras francesas foram base primordial para os estudos pioneiros sobre questões que abordam o padrão morfológico-funcional das cidades médias no Brasil, aplicados primeiramente ao estado de Minas Gerais, realizados por volta do final dos

anos 70 e organizados por Oswaldo Bueno Amorim Filho e equipe associada, publicado em 1982 (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007). A partir de tal trabalho os debates sobre cidades médias tiveram um aprofundamento maior e mais articulado, resultando na elaboração de metodologias mais aplicáveis para as cidades médias brasileiras, desse modo nos foi propiciado uma base teórica aplicável às dimensões do estudo aqui proposto.

As cidades médias são geralmente classificadas como tal a partir de um limiar demográfico, que seria o limiar que defini uma faixa em que pode se encontrar dentro as cidades médias, considerando que tal faixa advinda do limiar demográfico, varia de região para região (AMORIM FILHO; BUENO; ABREU, 1982), segundo os mesmos as principais características de uma cidade média seriam:

Relações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional, quanto aglomerações urbanas de hierarquia superior; tamanho demográfico e funcional suficientes para que possam oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço regional a elas ligado; capacidade de receber ou fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, através do oferecimento de oportunidades de trabalho, funcionando, assim, como pontos de interrupção do movimento migratório em direção às grandes cidades, já saturadas; condições necessárias ao estabelecimento de dinamização com o espaço rural microrregional que as envolve; diferenciação do espaço intra-urbano, com um centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo parecido com o das grandes cidades, isto é, através da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos; diferenciação sócio-econômica já bastante avançada da população dessas cidades... (AMORIM FILHO; BUENO; ABREU, 1982).

Assim como esclarecem os autores, há certo consenso em relação aos atributos das cidades médias, os quais incluem não somente o limiar demográfico, mas também sua importância microrregional, destacada pelo oferecimento de bens e serviços e acolhimento a imigrantes.

O crescimento e papel regional de Bragança Paulista

A cidade de Bragança Paulista, oficialmente Estância Climática de Bragança Paulista, é um município interiorano do estado de São Paulo, localizado a 85 quilômetros da capital, ligada a ela pela rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo-SP à Belo Horizonte- MG. Nas últimas décadas a cidade apresenta um crescimento demográfico relevante, como nos apresentam os dados do Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, Bragança Paulista apresenta a partir de 1991 a 2000 um crescimento populacional de 2,58%, índice maior do que a média do estado para esse período, de 2000 a 2010 a taxa de crescimento demográfico foi de 1,61%, atualmente a projeção populacional do IBGE para o município é de 168.668 habitantes em 2019.

O aumento populacional do município, que esta em queda, advém de inúmeros eventos, tais como, a própria taxa de fecundidade e imigrações, atualmente, os fluxos de imigração da cidade são compostos em maioria de regiões metropolitanas e de outros

estados, em maioria do Norte e Nordeste. Tais eventos são referentes a interiorização do desenvolvimento, resultante da desconcentração industrial das metrópoles, no caso, da capital paulista, em que incorreu a estagnação do desenvolvimento industrial a partir da década de 80 e 90, desse modo, direcionando parte dos fluxos migratórios para municípios do interior paulista, onde se apresentam núcleos de desenvolvimento receptivos a imigrantes, principalmente no que diz respeito ao setor terciário.

As cidades médias a partir da década de 70 começam a receber uma atenção maior, possuindo uma importância de cunho político-econômico de escala nacional, sendo estratégicas para, primeiramente, diminuir as desigualdades regionais severamente responsáveis pelas emigrações rumo às metrópoles, que já possuíam gigantesco número de problemas estruturais (AMORIM FILHO; SERRA, 2001) e, em segundo lugar, para servir de diques para a imigração nesses grandes centros urbanos (ANDRADE; SANTOS; SERRA, 2001). Sendo assim, as cidades interioranas paulistas a partir de 1970 começaram a ser responsáveis pela contenção dos fluxos migratórios em direção à capital paulista, no caso de Bragança, a população era de 63.676 habitantes em 1970, já em 1991 era de 125.031 (IBGE), em 21 anos a população do município praticamente dobrou.

Nesse contexto, Bragança Paulista atrai imigrantes pela figura de potencial núcleo de desenvolvimento, portanto oportunidades de trabalho, além disso, o município é um entreposto comercial que atende as amplas áreas de São Paulo e da região do Sul de Minas Gerais, se caracterizando como centro de serviços educacionais, bancários, atendimento médico e de abastecimento, assim, atraindo tanto fluxos migratórios dos pequenos municípios em seu entorno quanto das grandes metrópoles, principalmente da capital paulista, assim como é mostrado os fluxos de imigração e emigração do Atlas de Migração do Estado de São Paulo (2009), como indicam Oswaldo Amorim Filho e Rodrigo Valente Serra:

Sob o ângulo de grande parte da população interiorana, rural ou semirural, as cidades médias podem ser valorizadas pela oferta de emprego, ou mesmo de subemprego, pela existência de infraestrutura básica, pelas oportunidades de acesso à informação, pelos melhores recursos educacionais. Enfim, pela existência de bens e serviços essenciais à ascensão material e intelectual de seus moradores. (AMORIM FILHO; SERRA, 2001, pag.1).

Para além dos fenômenos migratórios baseados nas características socioeconômicas da interiorização do desenvolvimento regional do estado, a cidade atrai considerável número de pessoas em busca de uma qualidade de vida consideravelmente melhor em relação a seus antigos locais de morada, uma vez que Bragança possui certas características e status, tal como o clima ameno, fator pelo qual é intitulada estância climática, a mobilidade, tendo em vista a localização regional, a crescente diminuição da desigualdade social (IBGE, 2010), turismo em áreas verdes, uma vez que se localiza na Serra da Mantiqueira, entre outros fatores

objetivos e subjetivos, a modo que:

Estudos e reportagens têm frequentemente divulgado a melhor qualidade de vida desfrutada pelos moradores das chamadas cidades médias. O morador dos grandes centros urbanos, principalmente nos países subdesenvolvidos, quando “capturado” por essa informação, pode encantar-se com alguns dos atributos divulgados dessas cidades, tais como: menores índices de criminalidade; reduzido tempo despendido para se ir ao trabalho; menores níveis de poluição atmosférica; aluguéis geralmente mais acessíveis; e maior e mais próxima oferta de áreas verdes. (AMORIM FILHO; SERRA, 2000, pag.1).

Reflexões primarias a respeito da dimensão intraurbana

Para realizar as reflexões sobre o zoneamento morfológico-funcional de Bragança Paulista devemos antes de tudo estabelecer os parâmetros que a torna uma cidade média, tal debate é amplo e indefinido dentro de diversos campos de estudo, inclusive na Geografia. Nesse estudo levamos em consideração a demografia, mas não apenas ela, sendo que, no caso do município o crescimento demográfico, e a localização a tornam um núcleo regional, ainda mais para os pequenos municípios ao seu redor, junto a esses dois fatores determinantes, acompanham toda a questão estrutural que a cidade abarca, possuindo e exercendo o seu papel regional já citado, sendo assim, toda a complexidade da composição da malha intraurbana nos serve de parâmetro para classificação da dimensão municipal.

Os perímetros urbanos possuem diferentes escalas para as cidades pequenas, médias, grandes e para as megalópoles, dessa maneira, a escala altera a morfologia funcional das cidades, pois é quesito determinante para a complexidade do tecido urbano. Conforme as dimensões da área urbana são crescentes a complexidade também é, logo, a complexidade da composição das zonas espaciais se encontra em maior nível, sendo as cidades pequenas as mais simples e as megalópoles as de mais complexas articulações e composição, formando se então uma hierarquia.

Os zoneamentos morfológico-funcionais das cidades médias se diferenciam entre si, mas de modo geral pode ser descrito como articulado por quatro macro espaços concêntricos, e que possuem uma complexidade do tecido urbano de dimensão média, tal qual, para cada área, sendo eles, primeiramente a área central, em segundo a área pericentral, em terceiro a zona periférica e por ultimo a zona da auréola periurbana (AMORIM FILHO; SERRA FILHO, 2005). Essa classificação é totalmente passível de aplicação à interpretação do zoneamento funcional de Bragança Paulista.

Para esses autores as cidades pequenas são compostas de: uma zona central com função residencial, mas não apenas, possui também pouca infraestrutura terciária como, serviços comerciais e administrativos, geralmente pequena, ocupando-se de uma praça e uma rua principal, em relação à área pericentral observa-se que esta é quase inexistente, onde a área central se confunde com a periférica e esta também se dá da mesma maneira que a zona pericentral, praticamente inexistente, porém sendo o ultimo fragmento urbano, pois abruptamente altera-se para a zona rural e, a respeito

da zona periurbana, esta é inexistente. De modo geral a função de residência é exercida por todas as zonas urbanas, que se interligam sutilmente, se confundindo entre si até alcançarem o perímetro rural, onde a paisagem se altera.

Nas cidades médias, as quais o nosso interesse é focalizado, os autores propunham a problematização das zonas funcionais a partir da elaboração da análise de duas cidades mineiras, em que, a área central é onde se acumulam as principais funções do município, o local onde se exterioriza e se edifica sua centralidade e seu potencial de comando, essa zona urbana exerce função administrativa, comercial e residencial, a função comercial é a predominante e se articula através da posse de equipamentos terciários de grande importância, a função residencial se encontra em maior parte verticalizada. Essa área é a de maior densidade de construções e de grande movimento durante horário comercial, para organizar os fluxos de veículos e pedestres é corrente a presença de faróis, faixas de pedestre e outras sinalizações. A zona pericentral das cidades de médio porte é a mais extensa zona morfológico-funcional de toda composição urbana, nela predomina a funcionalidade residencial, a princípio ocupada pela classe média da cidade, a paisagem e a funcionalidade não são tão homogêneas, há a existência de vias principais e praças, que acabam por formar pequenos subcentros, voltados para necessidades rotineiras dos habitantes locais, geralmente são multifuncionais, para atender a demanda cotidiana, é nessa zona também que estão dispostas certa quantidade de áreas verdes e de lazer.

Em relação à zona periférica os autores declaram que ela pode se dar de dois modos, o contínuo, quando a área é integrada ao restante do tecido urbano e descontínua, quando é desligada do tecido urbano, nesse caso pode se perceber duas formas de unidades morfológicas, a de bairros resultante de loteamentos, em que habita uma população geralmente bem integrada ao sistema sócio econômico, com acessibilidade fácil de meios de transporte e comunicação, e a de unidade mal organizada, uma espécie de vila local, mas não sendo uma favela, que nem das grandes cidades, onde os moradores tem dificuldade de se integrar e não possuem facilidade de acesso a transporte nem comunicação. Por último chegamos a última zona morfológico-funcional, a de mais difícil caracterização, a auréola periurbana, pois se encontram nela os últimos traços de resquícios urbanos e suas aparelhagens e o início dos traços rurais, sendo comum a presença de clubes, casas de campo e aparelhagens do tipo, que servem à comunidade urbana de maior poder econômico,

Em análise às cidades grandes Amorim Filho (2005) repara que os centros são extensos, possuidores de atividade comercial de aparelhagem terciária rara e sofisticada, levando a cidade a uma hierarquia de grande influência regional e macrorregional, com densa construção, em geral verticalizadas, grande movimento de pessoas, principalmente de outras cidades, há também boa quantidade de problemas ambientais, de tráfego, e de segurança, em relação à função residencial é pouco encontrada. A zona pericentral é extensa e abarca principalmente a função residencial, ao seu decorrer percebe-se a variação paisagística pela mudança de condições

socioeconômicas, mas de modo geral sendo ocupado pela vasta classe média, há também a presença dos subcentros, que variam de complexidade, alguns exercendo atividades regionalmente importantes como complexos hospitalares e universidades e alguns de menor complexidade, exercendo as funções de satisfação das necessidades cotidianas com nível de aparelhagem médio. As periferias são extensas e compostas de uma mistura entre subúrbio e favelas, possuindo shoppings-centers, indústrias e alguns condomínios fechados, a distancia do centro é grande, a presença dos subcentros locais é vista e os problemas sociais de integração relacionados às condições socioeconômicas principalmente das favelas. A zona periurbana também é extensa, ocupando-se de complexos agroindustriais, casas de campo, atividades rurais para subsidio do perímetro urbano e traços de conurbação com pequenas cidades.

O autor deixa clara a diferença de complexidade por conta da escala quando descreve a morfologia funcional das megalópoles, nelas a zona central se trata de uma metrópole que possui forte centralidade cultural, econômica e localizacional, exercendo esse poder sobre o restante de todo o espaço megalopolitano, se caracteriza como sendo policentrica, composta de um hipercentro com forte força centralizadora de recursos específicos e vários subcentros complementares, exprimindo tal centralidade em proporções mundiais. A zona periurbana é extremamente extensa, alcançando até centenas de quilômetros, se caracterizando como aglomerado de subcentros, que são as cidades grandes que cercam a metrópole, nessa zona também permanece como principal função a habitacional, é importante destacar que nela também estão inclusas cidades pequenas e médias conurbadas. A zona periurbana pode possuir diversas características, geralmente é a mais extensa, nela estão localizadas cidades pequenas e conglomerados menores, atividades rurais, casas de campo, hotéis-fazenda e espaços verdes, a transição para outra zona pode ser para a zona rural mais profunda ou para a zona periurbana de outras megalópoles ou metrópoles.

As faces do zoneamento morfológico-funcional

Pudemos observar que os estudos feitos por Amorim Filho nos trás uma vasta gama de detalhes sobre a organização morfológica e funcional das áreas urbanas das cidades pequenas, grandes, das metrópoles, das megalópoles e principalmente sobre as cidades médias, tudo observado em seus inúmeros estudos feitos desde o fim da década de 70 até atualmente. Porem, todo esse histórico de análises que produzem um arsenal quase que colossal de informações se resume à praticamente uma mera descrição técnico-científica, se tornando quase uma receita do que é necessário para se fazer uma cidade, a questão da organização espacial urbana é resumida praticamente a uma descrição dos espaços, desconsiderando que a organização espacial das cidades, na qualidade de obra geográfica mais complexa criada pelo ser humano é, acima de tudo uma organização do poder da sociedade capitalista, se esquecendo que a organização morfológico-funcional das cidades é a organização morfológica e

funcional do e para o capital.

É indispensável quando nos referimos a qualquer dimensão da organização espacial urbana e não urbana, trabalhar as faces do poder e da organização socioeconômica, que são diretamente as maiores influenciadoras de tal ordenamento.

A distancia das periferias do centro na cidade média, não apenas nela como nas outras cidades também, tanto a periferia continua como descontinua, demonstra não apenas um ordenamento organizacional com funções específicas, mas também estabelece uma inacessibilidade material e imaterial na dimensão física da existência espacial, ou seja, um ordenamento organizacional com funcionalidades específicas e claras de exclusão das populações pobres em relação às atividades do capital, que como Amorim Filho destaca, é na zona central que a centralidade da cidade se exprime, ou seja, onde o poder capitalista, suas atividades e privilégios se edificam, a distancia física da periferia exterioriza e simboliza a distancia da população periférica ao acesso ao capital e todas funções e vantagens relacionadas a ele, materializando espacialmente todas as formas de negação sistematicamente promovidas pelo capitalismo.

Análise morfológico-funcional do município de Bragança Paulista

O município se encontra intensamente urbanizado, atualmente possuindo uma taxa de urbanização de cerca de 96,94%, possuindo aproximadamente 44.653 casas (IBGE, 2010). Anterior a esse contexto a cidade apresentava menor população e menor taxa de urbanização, fazendo com que a dinâmica espacial fosse outra, em meados dos anos 2000 a relação espacial das zonas urbanas de Bragança eram baseadas praticamente na relação centro-periferia, a cidade possuía bairros menores, tendo como panorama o zoneamento morfológico-funcional o município apresentava zonas urbanas menos definidas, com grandes espaços desocupados e ordenamento menos organizado.

A zona central da cidade já exprimia sua centralidade intraurbana e microrregional, apresentava os serviços comerciais e administrativos, menos complexos que atualmente, a zona pericentral apresentava sinais de desenvolvimento, começando a se encorpar perante a organização espacial, tendo como principal função a de habitação, sendo ocupada já pela classe média da cidade. A periferia da cidade possuía menor extensão, focada em habitação e com a formação inicial de estrutura básica para satisfação das necessidades rotineiras, porem de modo não muito eficaz, fazendo com que fossem necessárias constantes idas ao centro da cidade, a zona da auréola periurbana era muito extensa, apresentava grande quantidade de atividades rurais, possuindo poucas casas de campo e locais de lazer.

Desse modo, a cidade não apresentava seus subcentros nas áreas habitacionais, a maior parte dos serviços básicos e específicos era ofertada na zona central, atraindo grande parte da população periférica e da auréola periurbana. Com o crescimento

urbano do município a disposição organizacional do espaço se encontra em outro patamar, em que as quatro zonas morfológico-funcionais se veem mais desenvolvidas e estruturadas.

Hoje em dia a zona central de Bragança Paulista é formada pela praça central, que oferece uma grande gama de serviços bancários, possuindo seis bancos ao seu redor, há também a presença de restaurantes, pequenas lanchonetes e o correio da cidade, nas ruas que dão acesso à praça existem três estacionamentos de porte médio e grande, na extensão dessas mesmas ruas se localizam duas praças menores, rodeadas por pequenos comércios, uma delas marca o início da zona pericentral, o mercado municipal se localiza na principal rua comercial, em que estão localizadas grandes lojas de departamento, relojoarias e lojas de roupas e acessórios. A zona central é formada por cerca de 20 quarteirões e alguns quilômetros, abarcando serviços bancários, administrativos, alguns serviços específicos e atividade comercial, ao redor desses 20 quarteirões pode-se observar a transição para a zona pericentral pela maior presença de casas, o centro possui alta densidade de construção e possui alguns poucos edifícios habitacionais.

A zona pericentral se apresenta involucra em torno do centro, apresenta principalmente a função habitacional, mas podemos observar uma série de serviços comerciais de alimentos, de mecânica e cabelereiros, o hospital Santa Casa de Misericórdia e mercados, formando pequenos subcentros, essa zona abrange grande extensão do município, desse modo possuindo variedade paisagística formada principalmente pela variação da classe social que ocupa tal zona, ao redor da zona central podemos perceber moradias de classe média alta e classe média média, a uma distância média da zona central podemos identificar bairros residenciais de classe alta, ainda nas áreas integradas da cidade, nessa zona as construções são horizontais, mas apresenta uma pequena quantidade de prédios, após tal distância média da zona central aparecem as vias de acesso a parte menos integrada da cidade, rumo à periferia. Nessa área se encontram também grande gama de estrutura para lazer da população, porém não muito preservada e com pouca área verde durante o trabalho de campo foi observado inúmeras vezes uma “limpeza” dessa zona, em que a Guarda Municipal retirou vários moradores de rua mandando-lhes para outras áreas.

A zona periférica se encontra em maior parte como periferia descontínua, onde há espaçamento entre centro e pericentro em relação à periferia e auréola periurbana, nessas vias de acesso se encontram diversas atividades industriais e outras que ocupam grande espaço como barracões e depósitos de construção civil, um dos maiores expoentes de periferia na região de Bragança Paulista é a área denominada Parque dos Estados, uma aglomeração de bairros, uma parte muito populosa da cidade localizada na zona norte, nessa parte da periferia bragantina podemos observar um subcentro atualmente muito bem estruturado, com fornecimento de funcionalidades cotidianas básicas, contendo supermercados, farmácias, diversas lanchonete e bares e locais de lazer vandalizados. Sendo assim, a zona periférica do município se

encontra em maior parte descontínua e desintegrada da zona pericentral, possuindo funcionalidade predominante de moradia, com uma paisagem bem característica de países subdesenvolvidos, uma disposição espacial pouco formulada com casas de classe média média, média baixa e classe baixa, possuindo uma paisagem cinzenta da alvenaria e alaranjada pelos telhados, nessa zona a densidade de construção também é grande, em maior parte horizontal, com algumas casas de no máximo 3 andares, os espaços vazios se encontram no início dessa zona, mais especificamente nas vias de acesso, onde se localizam grandes porções do território ocupadas pelos barracões e outros serviços q demandam grande espaço.

Em relação à auréola periurbana podemos perceber que é extensa, na direção das cidades interioranas menores, possui grande volume de cassas de campo e de condomínios de alto padrão, onde a classe alta goza de seus privilégios e lazeres, e logo depois se encontram as aureolas periurbanas de outras cidades, essa faixa de transição apresenta considerável vazios de construções. Em direção à capital paulista podemos perceber um vazio ainda maior em relação a construções de moradias e serviços.

Problematização da disposição organizacional e funcional espacial do município

A periferia cresceu em maior parte desordenadamente e desintegrada da zona pericentral, a franja externa da cidade apresenta muitos pontos vazios ou ainda em construção em diversos bairros que há pouco tempo nem eram existentes, o crescimento do tecido urbano bragantino se mostra recente e ainda em intensa formação.

Repara-se que certas partes da própria periferia bragantina se caracterizam como um centro, pois, a quantidade de habitantes é muito grande, os fluxos são intensos, tantos de automóveis como de pedestres, principalmente nos horários de pico, uma vez que percebemos o papel da periferia em relação à dinâmica social e espacial da cidade. Devemos nos lembrar de que a divisão sócio-espacial do trabalho é presente, em Bragança, a periferia significa mão de obra à disposição da zona central que gera cerca de 80% dos trabalhos do município juntamente com a zona pericentral e dos condomínios de luxo da zona periurbana, percebe-se facilmente tal fato quando se observa os fluxos de ida para tais zonas urbanas da cidade no horário da manhã e no horário da tarde, o começo e o fim do expediente para a massa trabalhadora, sobre tudo quando analisamos o aglomerado urbano chamado Parque dos Estados e alguns bairros próximos, por exemplo, Fraternidade e Águas Claras, devido à imensa população desse aglomerado, que entre as partes periféricas da malha urbana, se destacam pelo contingente populacional.

No município a formação dos subcentros periféricos demonstra como a instalação de estrutura básica comercial é tardia nessa zona urbana, assim como dependendo quase que exclusivamente da iniciativa privada, sendo que o poder público se mostra parte desinteressada de propiciar esse desenvolvimento de qualidade de vida.

As áreas verdes do município também se mostram como objeto de verificação da desigualdade espacial e tratamento de áreas morfológico-funcionais distintivamente capitalizadas, na zona pericentral que abarca os bairros mais privilegiados, as áreas verdes seguem o padrão local de uma paisagem verde elaborada, as áreas de lazer são bem estruturadas, possuem design diferente e utilizam-se materiais diferentes para arquitetar as estruturas, por exemplo, dos parquinhos, como pudemos observar no trabalho de campo, há grande uso de madeira. Em relação às zonas de lazer da periferia possuem área verde bem menor, o design e a arquitetura é menos prezada nessa zona, menos elaboradas, além da utilização de materiais mais baratos, em suma usa-se o ferro para as estruturas, pudemos observar também a vigilância da guarda municipal mais reforçada nas áreas de lazer localizadas nas áreas privilegiadas economicamente, representando um maior zelo com a segurança desse local do que com outros periféricos.

Planejamento municipal durante o processo de crescimento

A prefeitura de Bragança Paulista elaborou o plano diretor da cidade em 2007, tardiamente, quando a cidade já estava sofrendo um duro processo de crescimento, este, sendo puramente desorientado por falta de preocupação do Estado, mesmo após o plano diretor de 2007, que convém entre nós, muito insatisfatório com seus objetivos, não orientando o crescimento urbano do município. Em 2019 o plano diretor foi atualizado com amplo trabalho da prefeitura e órgãos públicos em parceria com a universidade local Universidade São Francisco para uma versão referente a 2019 até 2025.

O Plano Diretor é fundamental para a organização do espaço urbano nas cidades médias, sobretudo um espaço em crescimento, constante reformulação da forma, função e da estrutura. Desse modo o Plano Diretor se mostra como uma saída para as cidades médias reconfigurarem seu espaço e conseqüentemente seus problemas intra-urbanos

Foi realizado um diagnóstico do meio urbano de Bragança em que são destacados os principais problemas de uma urbanização desorientada, o Plano Diretor nos esclarece que no município ocorrem: descompasso entre a urbanização real e as áreas passíveis de urbanização, excesso de área urbanizável que favorece e tem produzido uma urbanização dispersa, tal urbanização dispersa e fragmentada vem favorecendo o processo de segregação socioespacial. Outros problemas são o distanciamento entre a legislação urbanística municipal e as Leis Estaduais, que estabelecem as APAs, e que prezam pela proteção das águas e progressiva ocupação humana em áreas ambientalmente sensíveis, com mananciais e nascentes.

As Zonas Especiais de Estruturação Urbana (ZEEURB) são trazidas pelo projeto como porções do território que têm como fim “a redução das desigualdades socioespaciais a partir do fortalecimento e da estruturação de novas centralidades

urbanas, proporcionando desenvolvimento urbano atrelado ao desenvolvimento econômico sustentável”, uma proposta de criar subcentros fortalecidos de modo organizado, assim como dito antes, os subcentros que surgem da iniciativa privada nas periferias são tidos praticamente ao acaso, uma proposta de interferência interessante, trazendo infraestrutura á áreas fragmentadas do território ,assim, demonstrando uma atual preocupação com a organização intraurbana por parte do Estado.

CONCLUSÃO

As cidades médias interioranas paulistas estão em processo de crescimento e conseqüentemente ocorre uma reconfiguração das zonas intraurbanas e suas funcionalidades, no caso de Bragança Paulista se observa uma reestruturação funcional da organização espacial em que as quatro zonas se apresentam mudadas diariamente, sobretudo as áreas desconstruídas da periferia, que cresce cada vez mais.

Bragança paulista pode nos servir como micro universo de análise para observarmos as reconfigurações espaciais dos municípios de médio porte do estado de São Paulo, em que os estudos sobre morfologia funcional desenvolvidos desde as cidades médias francesas ainda são poucos. O município apresenta grande dinâmica entre as quatro zonas, dinâmica esta que o capital também é articulado, uma vez que este diretamente ligado a todas as atividades exercidas nas zonas intraurbanas, evidenciando a desigualdade espacial.

É relevante pensarmos sobre a importância dos subcentros na composição do tecido urbano municipal, uma vez que são essenciais para a população local e primordiais para a organização do espaço, os subcentros são fortemente advindos das atividades do meio privado, porem a morfologia funcional de uma cidade média em crescimento também deve ser acompanhada da esfera publica, responsável por organizar através de leis municipais e projetos o espaço urbano, pois é indispensável refletir sobre as categorias e atores envolvidos na organização morfológico-funcional e produção do espaço de modo geral das cidades médias de São Paulo.

REFERENCIAS

AMORIM FILHO, O. B.; BUENO, M. E. T.; ABREU, J. F. Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, v. 12 n. 23-24, 33-46, 1982.

AMORIM FILHO, O. B; RIGOTTI, J, I, R; CAMPOS, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. Ra'e Ga, Curitiba, v. 13, p. 7-18, 2007.

AMORIM FILHO, O.B.; SENA FILHO, N. A morfologia das cidades médias. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. 1ºed.

AMORIM FILHO, O. B.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. in: : ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro, IPEA, 2001.p. 1-34.

ANDRADE, T. A.; SANTOS, A. M. S. P.; SERRA, R. V. Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96. in: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro, IPEA, 2001.p. 171-211.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO. Bragança Paulista. Disponível em:< http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/bragança%20paulista_sp>. Acesso em: 1 dez. de 2019

BAENINGER, R. Atlas de Migração do Estado de São Paulo. Campinas, UNICAMP, 2009.

LEFEBVRE, H. Direito À Cidade. Centauro editora: São Paulo, 2008. 5° ed.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acústica de salas 86, 93, 100

Arquitetura 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 44, 45, 59, 71, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 99, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 122, 123, 124, 136, 137, 138, 139, 149, 151, 156, 163, 165, 166, 168, 169, 172, 174, 180, 181, 195, 205, 208, 213, 219, 221, 233

Arquitetura sustentável 101, 102, 103, 104, 110, 111

Assistência técnica 20, 21, 30, 34

B

Bairro cidade-jardim 166

Bloco de terra comprimida 20

C

Cidades inteligentes e sustentáveis 112, 119

Cidades médias 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 206, 207

Competitividade 112, 113, 115, 116

Complexidade espacial 1, 8, 17

Configuración urbana 221

Crescimento 81, 105, 109, 114, 116, 140, 141, 142, 144, 151, 161, 167, 195, 196, 197, 199, 202, 204, 205, 206

D

Densidad de población 50, 181

Desenho urbano 112, 113, 117, 118, 119, 166, 169, 233

Desenvolvimento sustentável 104, 110, 112, 113, 114, 115

Dinâmicas socioespaciais 151, 152, 156

E

Espacio exterior 181

Espaços abertos públicos 208, 211, 215, 218

Experiência 3, 4, 10, 24, 26, 28, 29, 32, 33, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 83, 84, 122, 136, 137, 144, 145, 149, 207

Extensão universitária 20

F

Forma urbana 118, 155, 156, 157, 164, 208, 209, 210, 212, 213, 216, 217, 218

G

Gestão participativa 139, 141, 147, 149

Gestión del riesgo 48, 57

H

Habitação 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 43, 44, 143, 144, 145, 146, 156, 160, 173, 202, 212

Habitação de interesse social 20, 21, 34, 44, 146

I

iluminação 3, 13, 15, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 104, 128, 179, 180

Inmigrantes 221, 222, 223, 224, 225, 227, 231

Inovação 26, 40, 82, 104, 105, 112, 114, 115, 116, 119, 143, 162, 165

Instrumentos urbanísticos 139, 140

Interdisciplinaridade 122, 123, 124, 125, 136, 138

J

Jardins filtrantes 101, 102, 103, 107, 108, 109, 110

M

Medição acústica 86

Merchandising 71, 72, 73, 79, 80, 84, 85

Morfológico-funcional 195, 196, 199, 200, 201, 202, 206

N

Neogótico 59, 60, 61, 65, 69

O

Organización socio-espacial 45, 46, 54, 56

P

Padrões tipo-morfológicos 152, 156

Paisaje urbano 221, 225, 231, 232

Pampulha 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 176, 177, 180

Parroquias católicas 59, 60, 69

Patrimônio histórico 166, 169

Plano de bairro 122, 123, 126

Plano diretor 141, 148, 150, 155, 159, 160, 170, 205, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Pré-fabricados de concreto armado 36, 37, 41, 42, 43

Projeto urbano 125, 139, 141, 147

Q

Qualidade acústica 86, 87, 98, 99

R

Rede de equipamentos públicos 123, 124

Regionalismo crítico 1, 5, 6, 11, 17

Reuso de água 101, 102

S

Sala de aula; tempo de reverberação 86, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Sistemas construtivos 36, 37, 38, 41, 43, 131, 137

Sustentabilidade 20, 22, 29, 33, 101, 104, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 163, 165, 173

T

Tadao Ando 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Tipologias operárias 152

U

Urbanismo 1, 4, 18, 20, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 43, 44, 45, 46, 59, 71, 86, 89, 101, 102, 103, 112, 117, 122, 123, 124, 125, 136, 137, 138, 139, 140, 143, 149, 150, 151, 156, 165, 166, 168, 172, 180, 181, 185, 186, 187, 193, 194, 195, 208, 221, 232, 233

Urbanização 24, 28, 124, 139, 151, 154, 165, 169, 173, 195, 196, 202, 205, 210, 216, 219

V

Varejo 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 82, 84

Vestigios 59

Visual 7, 15, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 127, 131, 208, 209, 210, 211, 213, 215, 216, 217

Vivienda 24, 44, 50, 181, 185, 194

Vulnerabilidad sísmica 45, 46, 49, 50

 **Atena**
Editora

2 0 2 0